



O PROCESSO DE TREINAMENTO DE CÃES FAREJADORES E OS POSSÍVEIS IMPACTOS EM SEU BEM-ESTAR

Maria C. C. MARQUES¹; Daisa C. ESTEVAM¹; Isadora O. LIMA¹; Maria E. F. SILVA¹; Théo ANDRADE¹; Marcelo S. ROSA²; Diana C. ABRÃO²¹

RESUMO

Sabe-se que a espécie canina auxilia o homem nas mais diversas funções cotidianas, isso devido à grande capacidade de aprendizagem desta espécie e também devido ao seu intenso faro e olfato. Dessa forma, objetivou-se analisar artigos que buscam esclarecer o processo de treinamento de cães farejadores e como estes podem ser impactados em seu bem estar. Os métodos de pesquisa utilizados se baseiam em artigos científicos brasileiros e internacionais, disposto no site Google Acadêmico e SciELO. Foram observadas as principais técnicas de treinamento de cães de faro, bem como, a influência do ambiente em que estes animais estão inseridos durante o período de treinamento. Por suma, conclui-se que para o bem estar de cães que auxiliam o homem neste tipo de trabalho, é necessário buscar proporcionar um treinamento sem dores, sofrimento e rico em distrações.

Palavras-chave: Trabalho; Saúde; Rotina.

1. INTRODUÇÃO

A espécie canina (*Canis familiaris*) atualmente auxilia o homem nas mais diversas funções, tais como: resgates, patrulhamento, pastoreio e entre outros. A habilidade olfativa dos cães é usada pelos humanos há mais de 100 anos (GAZIT, TERKEL, 2003). Um exemplo dessa aplicação voltado à contemporaneidade é a utilização de cães de faro na busca de pessoas desaparecidas, corpos soterrados em desastres, rastreamento e identificação de suspeitos de crimes.

O treinamento desses cães é um processo longo e que pode afetar de maneira diversa o bem-estar dos animais. Assim sendo, todos os animais domesticados pelo ser humano devem ter sua saúde e qualidade de vida asseguradas. Por esse motivo, este trabalho objetivou analisar, por meio de artigos científicos sobre técnicas de adestramento de cães de trabalho utilizadas no Brasil, o processo de treinamento de cães farejadores e como tais métodos podem impactar no seu bem-estar.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Os critérios de inclusão estabelecidos foram artigos publicados no Brasil e artigos internacionais com seus resumos disponíveis nas bases de dados selecionadas, no período

¹ Graduandos em Medicina Veterinária, IFSULDEMINAS – Campus Muzambinho, Muzambinho/MG. E-mail: maria2.marques@alunos.ifsuldeminas.edu.br ; daisa.cristina@alunos.ifsuldeminas.edu.br ; isadoralima1578@gmail.com ; mariaeduardaf2303@gmail.com ; theo.andrade@alunos.ifsuldeminas.edu.br

² Orientadores, IFSULDEMINAS – Campus Muzambinho, Muzambinho/MG. E-mail: Marcelo.rosa@muz.ifsuldeminas.edu.br ; diana.abrao@muz.ifsuldeminas.edu.br

compreendido entre 1993 e 2023. Para a seleção dos artigos, utilizou-se duas bases de dados: Google Acadêmico e Scielo. As palavras-chave pesquisadas foram “cães de faro”, “adestramento” e “bem-estar de cães” e suas respectivas traduções em inglês. Na busca do referencial documental, foram obtidos 2750 artigos, dos quais, após filtragem das informações, adequaram-se ao objeto de pesquisa apenas oito. As informações extraídas dos estudos selecionados foram categorizadas, seus resultados interpretados e apresentados em formato de texto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primordialmente, objetivou-se analisar artigos que compreendessem as experiências e os critérios de aprendizagem, como também, as técnicas de reforço e punição utilizadas para o adestramento de cães farejadores. Desde o nascimento, os cães passam por diversas fases que merecem atenção no momento do adestramento. Dentre essas fases, há a de socialização e a juvenil. Segundo Costa (2016), é na fase de socialização (21 a 100 dias) desses animais que eles estão mais receptivos a novas experiências, sendo estas cruciais para a definição de comportamentos futuros dessa espécie. Na fase juvenil (100 dias adiante) compreende o aperfeiçoamento das destrezas motoras do cão, devido ao crescimento corporal e sua maior atividade, na qual passam a latir mais, brincar e farejar, sendo necessário nesta fase o estabelecimento de rotinas para se evitar comportamentos futuros indesejados.

Quanto ao uso dos métodos de adestramento, no artigo de Costa (2016), foram citadas as técnicas engodo, reforço, timing das recompensas e clicker, sendo estas benéficas ao bem-estar do animal, pois não são aversivas a sua saúde. Já no artigo escrito por Brasil (2018), as técnicas e métodos utilizados foram: reforço e punição. Tais técnicas, assim como àquelas que usam coleiras eletrônicas, peitorais ou coleiras de spray de citronela são consideradas aversivas, já que podem ser extremamente prejudiciais à saúde física e mental dos animais, causando medo, ansiedade, afastamento do seu dono e até mesmo lesões de traqueia e nas vértebras cervicais. Além disso, vale ressaltar também que qualquer ato que submeta ou obrigue o animal a fazer atividades que ameacem a sua condição psicológica é considerado maus-tratos segundo a resolução N° 1.236/2018 do CFMV (CFMV, 2018).

Quanto ao tempo de duração dos treinos, nos artigos de Costa (2016) e Brasil (2018), concluiu-se que cães treinados de uma a duas vezes por semana em uma menor frequência diária tinham um desempenho melhor que cães treinados todos os dias. Da mesma forma, também se levou em conta a socialização e o meio a qual são submetidos os cães em treinamento. Por meio de uma pesquisa de campo, conduzida no canil do BOPE da Polícia Militar do Estado da Paraíba, analisou se o manejo diário dos cães através de uma avaliação subjetiva do grau de bem-estar dos animais, tomando por base suas condições físicas, sanitárias e psicológicas (COSTAS, 2016).

Ainda, em estudo realizado por Fernandes (2020) no Canil Central da PM de São Paulo, baseou-se em condições de manejo praticamente idênticas ao citado anteriormente, com a adição da medição de cortisol da saliva dos cães nos períodos de descanso. Em ambos os canis, os animais tinham pouca interação social e pouca interação com o ambiente.

Constituindo-se nos dados apresentados durante a pesquisa, obteve-se que os cães farejadores da Polícia Militar do Estado de São Paulo apresentaram níveis mais elevados de cortisol durante o período de descanso, que durante o período de trabalho. Os níveis de cortisol durante o período de descanso de manhã variam de 1,492 a 1,879 (ug/dl) e durante o período de descanso de tarde variam de 1,565 a 1,857 (ug/dl). Já durante o treinamento esse nível cai, variando durante a manhã de 1,478 a 1,858 (ug/dl), enquanto durante a tarde de 0,9015 a 1,703 (ug/dl). Isso é perceptível em dados expostos por Fernandes (2020) que demonstram que o período de repouso dos animais submetidos a estes trabalhos é mais estressante em relação ao período de atividades, devido a um ambiente pobre em estímulos e enriquecimento ambiental. Fundamentando-se nisto, este fato acarreta em níveis mais elevados do hormônio cortisol que está relacionado diretamente com situações de estresse (BROOM; JOHNSON, 1993). Por conseguinte, sabe-se que, conforme Beerda et al. (1997), o estresse crônico, ou seja, de forma contínua, é capaz de desenvolver distúrbios no organismo, predisposição à doenças e tantos outros problemas prejudiciais à vida saudável do animal. Dessa maneira, de acordo com Nogueira (2021), observou-se que o uso de brinquedos, as rotinas de treinamento e enriquecimento ambiental apontam ser alternativas eficazes para melhorar o bem-estar desses animais, acarretando em um aumento da exploração, redução de comportamentos anormais, expansão de atividades e também a diminuição de níveis de cortisol.

5. CONCLUSÃO

Diante dos dados expostos, conclui-se, pois, que todo processo durante o treinamento dos cães farejadores influenciam em seu bem estar. Além disso, considera-se importante o enriquecimento ambiental dos centros de treinamento onde vivem, visando melhores condições de vida e experiências para o canino. Mediante isto, um animal bem condicionado e bem manejado, irá proporcionar um melhor desempenho em seu trabalho.

REFERÊNCIAS

BRASIL, P. B. **Adestramento e bem-estar de cães da polícia do exército.** p. 32-36, Porto Alegre (RS), 2018. Acesso em: 20 abr. 2023.

BEERDA, B. et al. Manifestations of chronic and acute stress in dogs. **Applied Animal Behaviour**

Science, v. 52, n. 3-4, p. 307-319, 1 abr. 1997.

BROOM, D. M.; JOHNSON, K, G. **Stress and Animal Welfare**, London: Chapman & Hall, 1993.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA VETERINÁRIA. Resolução n 1.236, de 26 de outubro de 2018. Define e caracteriza crueldade, abuso e maus-tratos contra animais vertebrados, dispõe sobre a conduta de médicos veterinários e zootecnistas e dá outras providências. **Diário Oficial da União, Brasília**, 29 out. 2018.

COSTA, E. V. G. D. **Adestramento e bem-estar de cães policiais: um estudo de caso**. Universidade Federal da Paraíba – Centro de Ciências Agrárias, Departamento de Zootecnia. Trabalho de Conclusão de Curso, Areia (PB), p. 1-51, jun-2016. Acesso em: 20 abr. 2023.

FERNANDES, M. E. **Avaliação do bem estar dos cães farejadores da Polícia Militar do Estado de São Paulo mensurados pelas dosagens de cortisol salivar no descanso e após o trabalho**. p. 1431, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, USP. São Paulo, 2020.

GAZIT, I.; TERKEL, J. Explosives detection by sniffer dogs following strenuous physical activity. **Applied Animal Behavior Science**, 2003. v. 81, 2 ed. p. 149-161.

NOGUEIRA, L.B.; PALME, R.; FURTADO, O.M. Give Them a Toy or Increase Time out of Kennel at Lawn Areas: What Is the Influence of These Interventions on Police Dogs' Welfare, **Animals**. 2021.